AGTU – THE GLOBAL UNIVERSITY

O PAPEL DA LIDERANÇA ÉTICA NA SUSTENTABILIDADE DE NEGÓCIOS SOCIAIS

AUTOR: MICHEL ESTADULHO

Objetivo Geral: Explanar e bordar sobre os meios de liderança e suas vertentes para ser um bom líder através da boa comunicação, ética e sustentabilidade de negócios sociais.

Objetivo Específico: Esclarecer os meios de como um líder deve proceder perante seu público alvo; enfatizar as escolhas comunicativas para ser melhor entendido pelos seus liderados; abordar como escolher sua forma de comunicação com o público alvo.

Introdução

A missão e objetivos do negócio social selecionado, este artigo científico examina a influência da liderança ética na sustentabilidade de negócios sociais, utilizando como estudo de caso a organização da APAE da cidade de Anastácio MS, uma iniciativa dedicada a inclusão de surdos com síndrome de Down, da qual usam outra língua como primeira língua, que é a Língua de Sinais e não a Língua Portuguesa desta forma promover a alfabetização na comunidades carentes que não tem acesso a escolas particulares na área de línguas. Seus

objetivos principais incluem capacitar 30 jovens por ano, criar um modelo replicável em outras regiões, garantir a inclusão local e futuramente a digital de grupos de surdos, surdos com síndrome de Down e tradutores intérpretes de Libras. A organização busca alcançar esses objetivos através de estratégias da organização, como workshops gratuitos, parcerias com escolas públicas, desenvolvimento de aplicativos educativos.

Práticas de Liderança Ética Adotadas

A liderança da APAE de Anastácio se baseia em princípios éticos sólidos, priorizando a transparência, a equidade e a responsabilidade social. A organização promove a participação ativa de todos incluindo voluntários, beneficiários e parceiros, na tomada de decisões. A liderança demonstra um forte compromisso com a sustentabilidade, integrando considerações ambientais e sociais em todas as suas operações. A gestão de recursos é transparente e rigorosa, garantindo a eficiência e a alocação responsável dos fundos.

Contribuições para a Sustentabilidade Econômica, Social e Ambiental

As práticas de liderança ética da [Nome da Organização] contribuíram significativamente para sua sustentabilidade a longo prazo. A transparência e a responsabilidade social atraíram doações e investimentos de diversas fontes, assegurando a estabilidade financeira. A inclusão de beneficiários na tomada de decisões garantiu que as ações da organização fossem relevantes e eficazes, maximizando seu impacto social. A preocupação com a sustentabilidade ambiental, por meio de [Exemplos concretos, ex: uso de materiais reciclados, redução do consumo de energia], contribuiu para a construção de uma imagem positiva e reforçou a credibilidade da organização.

Exemplos Práticos de Decisões e Ações Éticas

Um exemplo concreto da liderança ética em ação é a recusa de uma doação de uma empresa com práticas ambientais questionáveis, por exemplo. Outra demonstração de compromisso ético foi a implementação de um programa de capacitação para os voluntários, assegurando a qualidade do trabalho e o bem-estar dos colaboradores. Essas decisões, embora desafiadoras em alguns momentos, reforçaram a credibilidade da organização e fortaleceram sua base de apoio.

Críticas e Recomendações para Aprimoramento

Apesar dos sucessos alcançados, a APAE pode aprimorar suas práticas de liderança ética com maior diversificação das fontes de financiamento para reduzir a dependência de doações. Recomenda-se também a implementação de um sistema de monitoramento e avaliação mais robustos para medir o impacto social e ambiental das ações. Finalmente, a organização poderia investir em treinamento em liderança ética para toda a equipe. Estas medidas contribuiriam para fortalecer ainda mais a sustentabilidade e o impacto da organização a longo prazo. Nos dias atuais sabemos que o assunto mais falado para a educação no geral é a inclusão, mas quando se trata de inclusão de surdos com síndrome de Down, da qual usam outra língua como primeira língua, que é a Língua de Sinais e não a Língua Portuguesa, muitos dos casos a inclusão dessas pessoas usuários da Língua de Sinais, está longe de acontecer, pois o que ocorre e a integração do mesmo em sala de aula ou de um ambiente de trabalho, da qual o ambiente não muda nada, mas o aluno surdo - Down é que se esforça para se adaptar ao meio onde frequenta e quando não consegue ou não é oportunizado passa somente a ser um bom copista de tudo que vê a sua volta. Assim comprovamos com

Rachel (2022), que a liderança produz mudanças e movimentos, estabelecem direções, criam visões, esclarecem os panoramas gerais e define estratégias.

Desta forma, a melhor estratégia a aderir é a Língua de Sinais que é primordial na vida dos surdos. Mas para que ela ocorra de forma natural é necessário que seja inserido ao seu dia a dia um líder autêntico, onde essas pessoas se espelham nele e queiram se comunicar da maneira que ele demonstra a sua forma de comunicação, desta forma o tradutor intérprete cria liderados que irão fazer de tudo para sobressair e ficar igual ao seu líder. Somente dessa forma será feito um trabalho de conscientização e de esclarecimento sobre o assunto tanto para a comunidade da qual ele está inserido como também para o próprio surdo, que muitas das vezes não sabe diferenciar gestos de sinais.

Temos vários autores no meio educacional bilíngue que pesquisam sobre a inclusão de surdos-down e sua língua natural mediante a língua portuguesa. O bilinguismo propõe desenvolver na criança surda, duas modalidades linguísticas no contexto escolar, que tem como a primeira a aceitação de sua aquisição espontânea com o uso de sua língua natural, que é a Língua de Sinais, que é sinalizada e através dela ocorrerá o aprendizado da segunda língua que é a Língua Portuguesa escrita.

Merecem destaque os estudos de Ferreira Brito (1998) e Ronice Miller (2003), que focam sobre o processo de aquisição da língua portuguesa como segunda língua para o surdo nas escolas inclusivas, sua leitura fragmentada e sua escrita de acordo e sequência como sinaliza. Trazendo um conceito sobre o ato de ler que vai somente de mecanicamente decifrar códigos.

Tais estudos demonstram a necessidade de trazer ao aluno aquilo que faça sentido para ele, com a necessidade de partir do simples para o complexo. E é neste sentido que estas preposições vêm de encontro com a temática desta pesquisa: Os alunos surdos-Down da

Escola Estadual Maria Corrêa Dias com o uso da língua de Sinais como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua.

Assim, desta forma o resultado desta pesquisa ajudará os professores interessados em melhorar seu atendimento a essa clientela e com certeza esses alunos irão além de decifrar códigos, mas também saber refletir criticamente sobre as informações e formação que estão recebendo na escola.

Protocolo: Coletas de dados e instrumentos

No momento em que se fala de acessibilidade linguística para o estudante surdo-down, na maioria das vezes as pessoas nem se quer se lembram da atuação do tradutor intérprete de Libras, então para se termos a real inclusão com acessibilidade de maneira correta devemos pensar em peças chaves, de que forma, maneira e língua será esse meio de comunicação, como será transmitida toda e qualquer informação, a este estudante.

Quem é esse profissional Tradutor Intérprete de Libras (TILSP) que passam por diversas dificuldades encontradas para realizar essa acessibilidade e quais são suas expectativas, perspectivas e desafios de liderar e fazer esse elo de comunicação da Língua fonte, que é a língua que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução e interpretação para a outra língua, a língua alvo que é a língua na qual será feita a tradução ou interpretação?

Será que este canal que leva a mensagem através de códigos entre o emissor e o receptor estão sendo preparadas de maneira condizente para uma tradução ou interpretação de qualidade? Seu domínio e fluência estão de acordo para atuarem nesta etapa escolar? Qual é a situação da saúde mental e física deste profissional? Lembrando da palavra bilíngue, hoje é

levado como uma das melhores saída a implantação do bilinguismo nas escolas inclusivas, mas será que todos estão cientes do que se trata esse método quando inserido na sociedade escola?

Segundo Fernandes (2003), o conceito de bilinguismo alcança um patamar muito mais significativo do que aquele pelo qual ainda é entendido pela maioria dos centros educacionais de surdos.

Desta forma, para se termos bons resultados é necessário que todas as peças de uma engrenagem estejam em sintonia, isso é a forma de liderança e o meio de comunicação estejam em perfeito funcionamento entre a escola, profissionais da educação e o estudante surdo-down que almeja ter um crescimento educacional de qualidade, mas para que essa qualidade seja de excelência esse profissional precisa saber liderar seus liderados e saber como agir perante a sociedade excludente.

Análise de dados

Os materiais didáticos devem apresentar pressupostos teóricos sobre a língua, linguagem e o desenho do planejamento do professor. Há alguns motivos para o uso do material didático:

1) Há materiais que são usados para necessidade de vários grupos, pois existem pessoas que para seguir um líder seja ele um professor, um tradutor ou um chefe, ele se sente seguro se tiver o material didático em mãos para se sentir seguro.

2) Permitem a revisão, pois esse grupo de pessoas necessitam de sempre estarem revisando o material a serem explorados.

3) Permite a flexibilidade e vários meios de se liderar esse grupo para uma melhor aceitação de um novo meio de se comunicar com o mundo externo.

É preciso trabalhar competências, respeitando o aluno e encorajando-os no seu crescimento através de líderes que saibam permear entre a comunidade surda e a comunidade das quais eles precisam serem inseridos. Seja através dos pais, professores e outros, a Língua de Sinais deve ser introduzida o mais cedo possível, pois ela contribuirá muito no momento da aquisição da escrita com a qual o surdo enriquecerá seu léxico. Além disso, é importante destacar que a família também exerce um papel importante no processo de evolução do surdo.

No inicio do processo de alfabetização é necessário er uma comunicação clara para fazer um diagnóstico da criança para observar os conhecimentos que traz consigo, assim valorizando esses saberes, os educadores terão a base para o começo da alfabetização. As condições para a produção de material didático serão horas de pesquisa, acervo bibliográfico, considerar a idade e língua materna do aluno, criatividade, talento e disponibilidade de muito tempo. Além disso, deve-se observar os temas que devem ser significativos, privilegiando o desenvolvimento intelectual e valorizar a comunicação em detrimento à gramática com atividades funcionais e estruturais e atividades que integrem leitura e escrita juntas.

Portanto, a importância da postura do trabalho do educador e a necessidade de aprimorar conhecimentos em liderança e comunicação na área da Educação Especial para que possa ter uma visão do surdo-down como um ser integral, não esquecendo que as dificuldades podem ser decorrentes da aprendizagem de uma segunda Língua, a Língua Portuguesa. Aprender a respeitar as diferenças, possibilidades e limitações do aluno são princípios importantes na construção da identidade do surdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa foram muitas as dificuldades pela falta de materiais teóricos sobre a alfabetização de pessoas surdas com síndrome de Down. Apesar desse desafio essa pesquisa chega ao seu objetivo.

Diante da realidade observada com a coleta de dados bibliográficos sobre a liderança e comunicação na alfabetização de pessoas surdas com síndrome de Down, personagem principal de nossa pesquisa, constata-se que a preocupação com o tema é bem recente. Antigamente, as pessoas que tinham características diferentes, o especial, estudavam em escolas especializadas para esse fim. Assim, as famílias sem recursos, meios de comunicação ou informações ficavam fora do processo ensino-aprendizagem.

Hoje, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) obriga as escolas públicas a inserir os alunos portadores de necessidades especiais no ensino regular. Porém, famílias e professores ainda não são preparados para educar, receber e alfabetizar pessoas nessas condições. Assim, elas podem continuar alheias aos processos ensino-aprendizagem.

Mostrar alguns passos para a aquisição da leitura e escrita, como respeitar o surdo com síndrome de down e valorizar a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), é o ponto principal deste trabalho, pois este seria o princípio básico para uma alfabetização eficiente através de uma escolha eficaz na forma de se comunicar e de liderar esse processo. De acordo com STROBEL (1995), a surdez pode ser entendida como a falta de habilidade para ouvir sons específicos, ambientais ou quaisquer sons da fala humana, ou seja, desde tons mais simples até os mais complexos.

Portanto, é desta forma que o aluno surdo com síndrome de down será orientado e liderado para trabalhar em sala e receberá recursos visuais que dará a ele uma

prévia do que será estudado em sala de aula e mais o auxílio do intérprete de Libras como mediador na comunicação, facilitando e motivando o aluno a querer saber sobre o texto e também não se sentir excluído do grupo.

Bibliografia

BRASIL, Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 1998.

BRITO, Lucinda Ferreira. Língua Brasileira de Sinais. Brasília, 1998.

STROBEL, Karin Lílian; DIAS, Silvania Maia Silva. Surdez: abordagem geral. Rio de Janeiro: APTA, 1995.

KARNOPP, L. B; QUADROS, R. M. Língua de sinais brasileira. Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed; 2004

Leadership Case Studies in Education. Peter G. Northouse, Marie Lee. SAGE Publications,18 de mar. de 2021– Em :https://books.google.com.br/books?id=NkATEAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

RACHEL e Seeber,Marie Lee. SAGE Publications, 18 de mar. De 2021.